



VII ENLIJE

LITERATURA INFANTO-JUVENIL: UMA LEITURA DA OBRA TAMPINHA, DE ÂNGELA LAGO

Roberta Tiburcio Barbosa

Universidade Estadual da Paraíba – robertatiburcio1@gmail.com;

Resumo: Entre os séculos XIX e XX a sociedade brasileira dá início à produção/circulação de obras literárias destinadas ao público infantil. Essas narrativas estabeleciam um diálogo com as crianças e procuravam “prepará-las” para o momento de transição de uma sociedade tipicamente rural para um mundo urbanizado, com o advento da globalização. Tal atividade recebe um auxílio considerável do ambiente escolar. Nesse sentido, a leitura era concebida como atividade imprescindível para a formação escolar e para a construção da cidadania. Na busca de inculcar nas crianças um sentimento patriótico, algumas obras apresentam a população e o espaço brasileiro de maneira idealizada, vistos como perfeitos e harmoniosos, dignos de admiração e amor de seus habitantes. É o que ocorre, já no século XXI, na obra *Tampinha* (2003), de Ângela Lago, em que se apresentam as peripécias de uma menina do interior do Brasil que, em total sintonia com a natureza, o povo e a tradição nacional, configura a imagem da vivência feliz do sentimento de nacionalidade. Nesse sentido, objetivamos fazer uma leitura das possíveis questões/questionamentos que esta narrativa apresenta, observando o que ela traz de ruptura e continuidade com os valores tradicionais da família, dos sujeitos e da sociedade. Destarte, refletiremos sobre a importância do contato com o texto literário na infância/adolescência, dentro e fora do ambiente escolar.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil, *Tampinha*, escola.





Introdução

Só sei que quero continuar contando histórias. E quero contar de uma maneira cada vez mais simples e despretensiosa. Do jeito que as tias contam, com um dos sobrinhos-netos no colo.
Ângela Lago

Discutir o que é Literatura e Literário é uma atividade antiga da crítica, que envolve valores sociais, culturais e políticos. As obras canônicas e as populares “disputam” espaço na apreciação de estudiosos e leitores comuns. A tendência de colocar a Literatura infantil e juvenil como “escrita menor” está cada vez mais sendo questionada em decorrência da amplitude de produções e temáticas/reflexões que trazem textos que têm os jovens como público alvo, e agora até como produtores.

Na escrita infanto-juvenil brasileira Ângela Lago aparece como uma das autoras que visam a quebra de tabus sobre esse tipo de literatura e sobre os temas sociais que elas encerram, a exemplo da condição feminina, principalmente no século XX. Em 1980, a escritora mineira iniciou seu trabalho com a literatura infanto-juvenil, como escritora e ilustradora, tais atividades lhe garantiram vários prêmios nacionais e internacionais.

Nesse sentido, objetivamos fazer uma leitura das possíveis questões/questionamentos que o livro “Tapinha” apresenta, observando o que esta obra em questão traz de ruptura e continuidade com os valores tradicionais da família, dos sujeitos e da sociedade. Destarte, refletiremos sobre a importância do contato com o texto literário na infância/adolescência, dentro e fora do ambiente escolar.

1. Tapinha: a magia e a moral

Publicado pela primeira vez em 1994, pela Editora Moderna, o livro “Tapinha” da autora e ilustradora brasileira Ângela Lago, traz como temática principal a valorização de qualidades morais, como a solidariedade, a coragem e o amor, representados pela figura feminina, do mesmo modo que também valoriza a sabedoria popular, apresentando essa sabedoria pelas vozes ancestrais dos “mais velhos(as)”.

Logo no início da história, aberta com o típico “Era uma vez”, o que sugere o desenrolar de uma narrativa “tradicional”, temos a apresentação de Tapinha, uma menina bastante pequenina, que usava uma tampinha na cabeça para ficar mais pesada, e vivia com sua avó numa casa à margem do “Rio do Mato Perdido”. Essa avó era dotada de





VII ENLIJE

conhecimentos naturais, por isso, cuidava dos doentes da região, através do uso de chás, “ela sabia o chá certo para tudo, menos para a pequenez da menina” (LAGO, 2001, p. 26). É na figura da avó de Tampinha, que podemos perceber a sabedoria popular, através do conhecimento medicinal das plantas.

Já no título, entende-se, pelo diminutivo da palavra “Tampinha”, a referência à baixa estatura da personagem principal, e, também, ao fato dela usar uma tampinha de garrafa na cabeça, para que ficasse mais pesada e pousasse com mais facilidade quando voasse, por causa do vento ou espirro das outras pessoas ou seres. É essa representação que temos de Tampinha, juntamente como o desenrolar da ação, que começa a partir da doença de um rapaz chamado Bonito, que só pode ser curado com o chá da “flor preta da árvore do Curupira”, que apenas uma pessoa muito corajosa poderia se arriscar para pegar na floresta. Tampinha se apresenta como a personagem mais digna de coragem e compaixão na narrativa, uma vez que, mesmo sendo pequenina e magrinha, afirma que irá pegar a flor para salvar Bonito:

- Mas onde vou arranjar alguém com coragem para buscar essa flor!
disse a avó de Tampinha.

Na hora Tampinha respondeu:

- Eu vou.

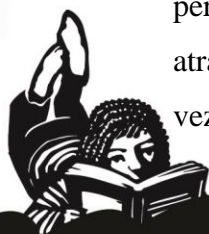
- Imagina! Logo você, desse tamanho!

Que tamanho que nada! A menina entestou que iria de qualquer jeito e danou a falar que ia, porque ia, até a avó ficar desesperada,
(LAGO, 2001, p. 26).

Em seguida, a avó de Tampinha, mesmo falando do tamanho da neta e preocupada com sua atitude, ensina-lhe palavras mágicas e coloca uma pimenta no seu pescoço como uma forma dela se proteger na floresta. “E lá foi ela no seu barquinho de papel, com uma agulha servindo de espada, uma colherzinha de café como remo...” (LAGO, 2001, p. 27).

Além desses três personagens já apresentados, outros personagens fazem parte da história, contribuindo para o “desenrolar” da ação, juntamente com elementos presentes no folclore brasileiro, originários de contos tradicionais e populares, a exemplo da cobra; da onça pintada; do curupira e sua árvore; e das palavras mágicas ensinadas pela avó de Tampinha, que remetem às práticas das simpatias, crenças, cantigas e diversos outros fenômenos populares.

A cobra, a onça e o curupira, são os personagens que fazem com que Tapinha enfrente perigos. Mas, com a ajuda das palavras mágicas ensinadas pela avó, mesmo saindo meio atrapalhadas, e com o cheiro forte da pimenta-amuleto, Tampinha consegue fugir deles, uma vez que ao proferir as palavras em tom baixo, por causa da sua voz, os animais de aproximam





dela para ouvir melhor e acabam espirrando com o cheiro da pimenta. São os espirros desses animais que fazem com que Tampinha seja lançada para longe deles, tentando seguir seu destino, que é a árvore do Curupira. Quanto a essa árvore, ela também se apresenta como uma peça importante, por apresentar a flor preta que servirá para fazer o chá que curará Bonito e também por dar frutos para Tampinha comer, que fazem com que ela cresça e se torne uma “moça feita” (LAGO, 2001, p. 29).

No final do livro, temos Tampinha voando e pousando diretamente na casa de Bonito, e em seguida o casamento dos dois. São os acontecimentos, muitas vezes inesperados e inusitados, que garantem o humor. Os sentimentos morais, expressos na narrativa, transmitem uma lição, que ora valoriza a coragem, o amor e a solidariedade, ora mostram que para que esses elementos estejam presentes ou sejam desenvolvidos nas pessoas, não importa seu tamanho ou gênero, e sim sua coragem/iniciativa.

2. A figura feminina e negra em “Tampinha”

Tampinha é uma menina muito pequena e corajosa ao ponto de se oferecer para buscar a flor preta da árvore do curupira para curar Bonito. Para embarcar nessa aventura, a menina vai num barquinho de papel e utiliza “uma agulha servindo de espada” e “uma colherzinha de café como remo”, instrumentos que são utilizados nas atividades domésticas de costurar e cozinhar. Dessa maneira, essas escolhas na narrativa acabam revelando a sua profunda relação com os valores tradicionais que associam a mulher às atividades domésticas desde a infância.

Além disso, a narrativa traz a imagem de uma personagem que começa a história como uma menina e no fim, quando come os frutos da árvore do curupira, cresce e se torna uma moça. A história acaba com a seguinte frase: “Vocês têm alguma coisa contra casamento?” (LAGO, 2001, p. 30), sugerindo assim que Tampinha se casaria com Bonito. Isso reforça a ideia da associação da figura feminina à construção de um lar, sugerindo o cuidado com as coisas que são referentes ao âmbito doméstico como um “destino comum” às mulheres. A fruta responsável pelo crescimento da heroína faz parte da árvore na qual está, bem no ponto mais alto, a lendária flor preta, que é o remédio para a doença do Bonito. É comendo as frutas que a menina aumenta de tamanho e salva o rapaz. Tal conjuntura é metáfora dos passos necessários ao amadurecimento das jovens, que, segundo a moral social, precisam cumprir determinadas etapas para atingir o objetivo almejado, que na sociedade tradicional é o matrimônio, destino da Jovem ao cumprir a sua missão.





A história contém ilustrações, feitas pela própria autora da narrativa, e por meio delas é inserida a figura feminina negra. Na linguagem verbal não há como o leitor saber qual a cor de Tampinha, portanto, se a história fosse separada das ilustrações não se saberia que se tratava de uma menina negra. Ângela Lago insere essa personagem negra nas imagens e assim quebra a frequente referência nas histórias infantis às personagens brancas.

Há, dessa forma, uma relação semiótica inseparável entre o escrito e o imagético. As ilustrações não são simples figuras dispostas ao acaso ou instrumentos de incentivo à curiosidade dos leitores mirins. Texto verbal e visual formam e potencializam os sentidos suscitados pela narrativa.

Nesse sentido, Tampinha semiotiza a mulher negra do Brasil, a verdadeira mestiçagem do povo que origina sujeitos singulares, e estes formam a população do país. Percebe-se que se constrói uma figura feminina que ao mesmo tempo em que quebra tabus, o da mulher frágil, por exemplo, já que Tampinha é corajosa, também reforça alguns estereótipos, como a propensão/destinação da mulher ao casamento/lar.

2.1 O sentimento de nacionalidade e Literatura Infantil: identidade brasileira até a “tampa”

Entre os séculos XIX e XX a sociedade brasileira dá início à produção/circulação de obras literárias destinadas ao público infantil, essas narrativas estabeleciam um diálogo com as crianças e procuravam “prepara-las” para o momento de transição de uma sociedade tipicamente rural para um mundo urbanizado, com o advento da globalização. Tal atividade recebe um auxílio considerável do ambiente escolar, uma vez que é “a instituição escolar que as sociedades modernas confiam a iniciação da infância tanto em seus valores ideológicos, quanto nas habilidades técnicas e conhecimentos necessários inclusive à produção de bens culturais.” (LAJOLO; ZIBERMAN, 2007, p.23).

Nesse sentido a leitura era concebida como atividade imprescindível para a formação escolar e para a construção da cidadania. Nessa conjuntura a escassez de obras nacionais e a necessidade de formação do corpo discente dentro dos princípios nacionalistas, que se modificaram ao longo dos anos, levou a uma crescente produção de obras infantis no Brasil, nas quais o sentimento de nacionalidade é fortalecido como fator primordial na vida e, principalmente, na memória das pessoas.

Nessas narrativas, com vistas a se aproximar de seu público, as personagens são em sua maioria crianças, que através de atos virtuosos apresentam o bom exemplo.





VII ENLIJE

posturas atraem consequências negativas, configurando, dessa maneira, o caráter de doutrinação moral que muitas obras infantis exercem sobre os seus leitores, como era/é característico da Literatura como um todo.

Na busca de incutir nas crianças um sentimento patriótico, algumas obras apresentavam a população e o espaço brasileiro de maneira idealizada, vistos como perfeitos e harmoniosos, dignos de admiração e amor de seus habitantes. É o que ocorre na obra *Tampinha*, de Ângela Lago, em que se apresentam as peripécias de uma menina do interior do Brasil que, em total sintonia com a natureza, o povo, e a tradição nacional, configura a imagem da vivência feliz do sentimento de nacionalidade.

Logo no início a protagonista é apresentada como neta/descendente de uma mulher que possuía conhecimentos sobre a medicina natural, conhecida em sociedade como “curandeira”, personagem comum do interior do Brasil, principalmente nos séculos XIX e XX: “*Tampinha* vivia com sua avó numa casa à margem do Rio do mato Perdido. Essa avó era quem cuidava dos doentes da região. Ela sabia o chá certo para tudo, menos para a pequenez da menina” (LAGO, 2001, p. 26).

Nota-se, também, a relação entre as pessoas e natureza, e a presença do folclore brasileiro, como elementos constitutivos da identidade das personagens, ao passo de *Tampinha* usar as plantas como amuletos, símbolo de proteção, e adquirir, através de “palavras mágicas”, o auxílio da natureza na sua jornada para salvar o jovem Bonito, “E lá foi ela em seu barquinho de papel, com uma agulha servindo de espada, uma colherzinha de café como remo e a pimenta pendurada no pescoço.” (LAGO, 2001, p.27).

A presença do maravilhoso, ou dos elementos que mais aproximam a narrativa de uma trama fantástica, é constante, fora as palavras mágicas que a avó ensina a garota para obter êxito em sua jornada. A forma inusitada como *tampinha* segue e finaliza sua viagem e os animais que ela encontra, que chamam a atenção por serem racionais e conversarem com os humanos, são fatores que intensificam a relação entre o ser e o meio ambiente:

Enquanto ela remava, ia recitando as palavras mágicas. Tinha medo de esquecer alguma na hora do perigo:

Pimentum, pimentom, pimentém, pimentim;

Peixe quer água, eu quero atchim.

Pimentum, pimentor, pimenter, pimentir;

E quero voltar de onde eu quero ir.

Pois muito bem. De repente *Tampinha* deu de cara com *Cobra grande* cantando:

Você tem avó, eu tenho um tio.

Venha comigo pro fundo do rio.

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

Você tem agulha, eu tenho um fio.

Venha calada sem dar nem um pio. (LAGO, 2001, p. 27) (grifos da autora).

Mesmo com todo o empenho para garantir às crianças a permanência da cultura popular e da tradição nacional, a narrativa de Ângela Lago, ainda se faz através de uma escrita que busca ensinar, pedagogicamente, o escrever e o falar culto por meio das falas das personagens e do próprio narrador. Tal questão distorce, um dos pontos identitários do povo a quem busca representar, a linguagem das comunidades rurais tradicionais do interior brasileiro.

3. Acesso à literatura um direito de todos

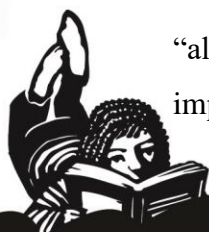
O conto “Tampinha”, da autora brasileira Ângela Lago, faz parte do livro “Historinhas pescadas”, organizado pelo FNDE (Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação) através do PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola) no ano de 2001. Desde meados dos anos 1990 o governo brasileiro vem tentando desenvolver o gosto das crianças e adolescente pela leitura, em diálogo com a literatura infanto-juvenil.

O projeto criado em 2001 propunha o desenvolvimento das bibliotecas escolares com a entrega de acervos dos clássicos da literatura, e, principalmente, a entrega de obras para os próprios alunos. O projeto “Literatura em minha casa” ocorreu em duas edições nos anos 2001 e 2002, dessa maneira, foram entregues coleções de livros para que os alunos pudessem ler em casa junto com a família.

Os livros eram destinados aos alunos da 4ª série e 8ª série do ensino fundamental das escolas públicas. Posteriormente, os alunos do 3º ano do ensino médio também receberam os acervos do projeto. Na primeira edição o acervo continha cinco títulos, a saber: poesia de autor brasileiro; conto; novela; clássico da literatura universal; peça teatral. No ano seguinte, em 2002, os títulos se repetiram, mas houve a participação de outras editoras, o que ampliou o número de textos e o acesso aos grandes nomes da literatura nacional e universal.

Os projetos do FNDE buscam aprimorar a educação do Brasil, o desenvolvimento dos alunos, a especialização dos professores, oferecendo cursos de capacitação aos docentes ao longo dos anos. O projeto “Literatura em minha casa” surgiu somente em 2001, mas antes deles outros projetos relacionados à educação já eram desenvolvidos pela Instituição.

Note-se, portanto, que a literatura infanto-juvenil vem ganhando seu espaço em meio à “alta literatura”, as instituições governamentais e não-governamentais têm compreendido a importância desse tipo de literatura para o desenvolvimento sócio-cognitivo das crianças e





VII ENLIJE

jovens e por isso, vêm criando projetos que ampliam o acesso das famílias aos livros para o compartilhamento das histórias e das culturas.

Conclusões

A obra *Tampinha*, de Ângela Lago, vêm para trazer à baila os questionamentos a respeito do uso ou dos sentidos contidos nas obras infanto-juvenis. Na narrativa em foco não se apresentam apenas histórias divertidas ou fantásticas, para que as crianças se divirtam ou, ainda, para que treinem a leitura de maneira mais prazerosa, como muitos pesquisadores ressaltam ao se abordar esse tipo de escrita como pedagógica.

O que *Tampinha* faz vai além de mostrar a saga de uma menina corajosa em meio às adversidades, ela visibiliza, e, até certo ponto, reforça os estereótipos da mulher, quando se apresenta propensa ao casamento/família, ao mesmo tempo em que mostra a audácia ou a força feminina, que aqui não é o sexo frágil, tendo em vista que é a “mocinha”, agora heroína, quem salva o “amado”, nesse caso um ser passivo e belo.

É dessa maneira que, ao entrar em contato com as obras literárias, principalmente fora do ambiente escolar, as crianças podem refletir sobre os valores/mentalidades e as posições dos sujeitos em sociedade, desenvolvendo, simultaneamente, o interesse/prazer de ler e a consciência crítica cidadã.

Referências

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2007

LAGO, ÂNGELA. *Tampinha*. In: LEITE, Maristela Petrili de Almeida; SOTO, Pascoal. [orgs]. **Historinhas pescadas: antologia de contistas**. Literatura em minha casa. 2. Vol. São Paulo: Moderna, 2001, p. 26-30.

